**NOME: MONS. RAIMUNDO ANTONIO**

**SOBRENOME: DA SILVA (MONS. GABRIEL)**

**DISCIPLINA: UNÇÃO E PENITÊNCIA 8º SEMESTRE**

Aula: dia 15 de setembro de 2020

Continuação da aula do dia 08

**TEMA:**

**REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE O SENTIDO DO SACRAMENTO**

I. Autor: BOROBIO, Dionisio et al. **A celebração na Igreja 2**. Sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 583-589.

**Entendimento do texto:**

1. A ação “curativa” da Igreja na situação de enfermidade

Em que se fundamenta a luta da Igreja, e como se explica tudo isto? Não é rebelião por causa da enfermidade, nem o afã para que desapareça toda enfermidade, e seu meio de luta mais específico não é a ciência e a técnica.

A Igreja assume a luta contra a injustiça e o pecado que produz a enfermidade, a luta contra viver sem sentido a enfermidade, a luta para descobrir na inevitável dor e fragilidade, sua possibilidade de salvação.

A enfermidade tempo de verdadeira teografia. Apesar da debilidade e da negatividade da enfermidade, existe nela uma virtude de positividade, de desenvolvimento e totalização de valores fundamentais do homem. Aí reside ocasião para uma nova relação com Deus, a purificação de certas imagens e pensamentos, até chegar ao verdadeiro conhecimento der seu mistério, de seu amor, de sua proximidade e presença. Deus pode ser experimentado de modo mais incondicional. Diante do nada e do ser relativo da pessoa, se abre a possibilidade do Absoluto de Deus. O Senhor pode voltar a ocupar o lugar que por muito lhe tinha sido negado, e a atitude pessoal não é mais a da autossufiência, mas a simplicidade e a verdadeira humildade, na disposição de adoração e de entrega, no meio do silêncio e da dor.

A enfermidade e um verdadeiro itinerário de redescobertas do nó de relações: consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Consigo porque a enfermidade é escola de relativização das próprias qualidades, poderes, fama, etc... isto leva a descoberta do mundo interior, o temor da própria consciência, e a verdade do mistério pessoal. Com os outros, porque se aprende o sentido da dependência, da ajuda, da atenção e do amor dos outros. Com o mundo, porque se aprende a valorizar a vida.

A enfermidade e a provocação para a conversão e a libertação do pecado. A abertura verdadeira a Deus, pacifica a pessoa, e o que era situação de escravidão, pode ser transformada em instrumento de graça e salvação.

A comunhão com Cristo e a geografia espiritual. Existe uma comunhão de bens espirituais entre os membros do corpo de Cristo, pela qual as pessoas se comunicam para além do visível, numa solidariedade redentora, que contribui para a salvação dos outros. O sofrimento e a enfermidade que levam a destruição do homem, se forem vividos a partir da fé e na força de Cristo, são ocasiões de amadurecimento e realização integral. O enfermo que assim crer e se entrega a Deus, vive a enfermidade como páscoa, que vivifica e salva.

O enfermo não é um resignado passivo, mas um paciente ativo, que enche sua vida de sentido com a fé e o converte em atividade com a luta que inverte a dinâmica destruidora da enfermidade e da dor.

1. A Unção sinal do combate pela vida na perspectiva da vitória final

Qual é o momento que a Igreja em seu ministério manifesta e significa esta atitude? É a celebração da unção dos enfermos, pois esta nunca deve ser entendida como a “consagração da enfermidade”, nem como “santificação da resignação passiva”, antes, como proclamação celebrativa da esperança de salvação plena: como o estímulo fortalecedor que transforma a debilidade em verdade e em virtude redentora. Talvez em nenhum outro momento se mostre tanto amor à vida quando se está enfermo e se sente a própria vida em perigo. É o discurso do desejo, causado pela ausência do bem maior.

A Igreja é obrigada a sustentar o homem na sua luta pela vida até o fim, e o faz incentivando o próprio enfermo por ocasião da sagrada unção. É necessário um sério equilíbrio para que o enfermo compreenda que a vitória sobre a enfermidade passa pela perspectiva da vitória de Cristo sobre a mesma enfermidade. E que a plena saúde não coincide necessariamente com a cura corporal. A nossa comunhão com a vitória de Cristo nunca fracassará, venha ou não a cura da enfermidade. Para chegar obter esta consciência do sentido e final desta luta, o enfermo necessita da unção, da graça de Deus, da fortaleza de Cristo contra todo o desânimo e tentação.

**3. A unção afeta de modo original a saúde do corpo**

Como compreender o “efeito corporal da unção”? Os estudiosos se dedicam a aprofundar, e dão diversas interpretações.

1. Dificuldades para uma correta interpretação

Segundo C. Orteman, há quem afirme que:

1. não é válido o recurso que se faz ao comportamento de Cristo com os enfermos, porque só Cristo tinha um poder e um carisma especial que é intransferível. Sendo assim, a validade do comportamento de Cristo será sempre o fundamento e modelo de um ministério que cuida dos enfermos que abarca o espírito e o corpo, tendo na unção este momento mais significativo.
2. Outros dizem que não vale apoiar-se nos testemunhos primitivos sobre o efeito corporal da unção, devido a concepção de meio curativo usado em oposição às superstições pagãs e ritos mágicos dos curandeiros. Sem negar estas possibilidades das realidades culturais, os testemunhos fazem crer no valor atribuído ao efeito corporal, dado que a unção interessa ao homem todo.
3. Outros declaram que atribuir o efeito corporal à unção suporia reconhecer a ação “milagrosa” do sacramento. Na verdade, não se pensa em milagre, sem excluir esta possibilidade, mas de reconhecer a mesma virtude de sinal celebrado na totalidade da pessoa.
4. Finalmente, atribuir a unção esta finalidade corporal, é escândalo para a sociedade secularizada, que não crer em milagres e em ritos, mas na ciência e na técnica. O efeito corporal não é para concorrer com a medicina, nem negar a autonomia das leis humanas, mas antes reconhecer a interferência das diversas dimensões do ser humano e sua mútua eficácia.
5. Fundamentos da dimensão do efeito corporal do sacramento

Como não dificuldade para afirmar o efeito corporal, qual é seu fundamento positivo? Os dados revelados na Escritura e da Tradição dos primeiros oito séculos concordam em valorizar este aspecto curativo-corporal da unção. Do século IX ao XI, houve uma marginalização; os escolásticos até Trento, no século XVI o espiritualizaram. Trento reconheceu condicionalmente: “se for conveniente à saúde da alma”.

O Vaticano II parece ter recuperado este efeito corporal-curativo da unção: “Cristo se ocupou não apenas com a saúde espiritual mas também com a corporal dos enfermos, e a Igreja continua esta missão em sua vida e a exprime de forma especial no sacramento, onde pede pela saúde espiritual e pela saúde corporal”. Entre a graça e os efeitos do sacramento enumera-se claramente o da cura corporal. A Cura total do corpo e do espírito presente no novo Rito, revela que a Igreja afirma sem ambiguidades o efeito corporal da unção, sempre unido ao aspecto espiritual, pois a intenção é pedir a cura plena, total e integral do enfermo.

As ciências humanas tratam holisticamente as pessoas pela interdependência das dimensões corporal, psíquica, espiritual. A pessoa é uma unidade biológica e espiritual, onde os aspectos anatômicos, fisiológicos, psíquicos e espirituais estão em contínua e mútua referência e interinfluência. Separar seus efeitos, é negar a própria unidade integral do homem.

1. Em que consiste o efeito corporal

De modo negativo NÃO É: 1. não consiste numa ação carismática extraordinária; 2.nem num remédio milagroso; 3.nem no efeito mágico da aplicação do óleo; 4.nem numa necessária cura clínica; 5.nem no retorno ao estado anterior à enfermidade.

De modo positivo, consiste: 1.num efeito sobre as dificuldades corporais, que atingiu todas a faculdades do enfermo; 2.numa força contra a impotência física; 3.num ânimo contra a fraqueza psíquica e espiritual, pela fé, amor e esperança; 4.num estímulo para a luta contra o mal; 5.num fortalecimento do estado total para enfrentar com bom humor a fragilidade; 6.numa recuperação equilibrada do lugar do corpo no conjunto do ser pessoa, integrando-o na constelação dos valores da vida.

Todo este entendimento exige: 1. Quem é o enfermo? Não é moribundo e nem acidentado grave, mas um enfermo grave consciente e crente; 2. Em que nível é percebido o efeito da unção? O efeito, que é súplica e sinal da graça de Deus, não está limitado ao perceptivo curativo, nem a o racional explicativo, mas o Senhor age com sua liberalidade; 3. Como se realiza a cura? Não é clínica, devolvendo a vida saudável anterior, mas aquela que devolve ao doente a capacidade de integrar sua totalidade humana, o corpo, personalidade e sentido da vida; 4. Que dimensão tem o efeito curativo? É sempre dinâmico, quer volte a saúde, quer reintegre as dimensões vitais, ou que aconteça a morte física ou a chamada escatológica, já que para o cristão a definitiva cura e saúde do corpo se encontra no final. Nestes quatro casos, a unção continua sendo o sinal da vitória definitiva sobre o sofrimento e a enfermidade.

A estrutura do sinal da unção indica este efeito corporal. Parte-se do duplo conteúdo do símbolo (relação significante-significado), onde a realidade significada só pode ser percebida através do símbolo significante primeiro (óleo santo), o sacramento da unção enquanto gesto de assistência – significante, primeiro sentido, simboliza ação terapêutica do Espírito enviado por Jesus – significado, segundo sentido, a qual cura e alivia o enfermo. A unção se ordena à cura total do homem.

**4.Unção, realização privilegiada do mistério de Cristo**

Aspectos teológicos fundamentais:

1.A graça de Deus se encarna especialmente na situação de enfermidade, e a Igreja continua o ministério de Cristo com enfermos pela celebração de um sacramento de graça – sacramentalidade da unção;

2.A celebração sacramental da graça não é para a consagração da enfermidade, mas para a luta contra o sofrimento e a enfermidade, na perspectiva da vitória final – finalidade da unção;

3.O dinamismo da graça para a vida tem uma manifestação corpórea e curativa da pessoa enferma, dada a unidade integral das diversas dimensões, considerando a sua vocação escatológica – dimensão antropológica ou efeito corporal da unção.

O pleno sentido teológico é dado pela luz e realização do mistério de Cristo - dimensão cristológica, e da comunhão e da solidariedade da Igreja – dimensão eclesiológica, de onde se especifica a identidade e o sentido do sacramento – especificidade da graça sacramental.

1. Dimensão cristológica – Cristo, fazendo-se homem, assume a fragilidade e a finitude humanas

A realidade teândrica, tão divino humano assim, só Deus. Cristo é o Deus para o homem (Jo 15,3) e o homem para Deus (Jo 14,30). Divinamente humano, e humanamente divino. A necessidade da encarnação para que assumisse radicalmente nossa condição de carne humana, para sanar a nossa natureza. A sua natureza humana como a nossa era fraca e débil, em vias de organização e perfeição, que sofre e se alegra.

Onde está a perene novidade, a originalidade da condição carnal de Cristo? Não consiste somete no assumir nossa real situação humana, mas na forma como assume e vive esta fragilidade da carne ou esta tragédia de morte. Vive não suportando a desgraça, mas como serviço a Deus e aos homens mais fracos, como cumprimento da vontade de Deus, como manifestação visível do Reino, como ato livre e obediente de entrega e de amor.

O caminho quenótico em duas vertentes do único mistério: esvaziamento que se converte em processo de glória e de ressurreição jubilosa.

1. O mistério de Cristo, luz na enfermidade

O Verbo vindo na carne e através dela com o sofrimento, a enfermidade e a morte, em ordem a vitória final que descobre todo o sentido, realiza-o Cristo em três momentos do único mistério:

1.“E o Verbo se fez carne: encarnação” (Jo 1,14);

É a realidade manifestação plena e definitiva de Deus em Cristo que vem morar em nossa carne, para enchê-la de clareza e luz divina. É a epifania e a diafania que lança raios esplendorosos de dentro do muro opaco da fragilidade da carne humana. Encarnação em chave sacrifical, sacerdotal, de vítima, de oferta perfeita com (Hb 10, 5-7), e também com perspectiva trinitária: O Filho de oferece ao Pai no espírito. Cristo ilumina para levar o homem a aceitar seu estatuto criacional.

2. Eis o homem: o sofrimento de Cristo (Jo 19, 14-19);

Cristo carrega em sua carne, coração, consciência, alma, todos os aspectos da debilidade e obscuridade próprios do homem enfermo. Assume com consciência primordial o caminho da cruz, como expressão de sua fidelidade e de seu amor por Deus, o Pai, e pelo homem que devia salvar para sempre. Além de redimir, revela as atitudes fundamentais diante de Deus e dos irmãos na situação da dor e da enfermidade, e com amor cura e redime.

3.E ao terceiro dia ressuscitou (Lc 24, 6).

O amor não pode morrer. A ressurreição gloriosa é a luz perene a produzir o sentido pleno da configuração do enfermo ao seu Senhor morto e exaltado na glória junto de Deus. Só Cristo faz viver o homem para Deus.

c) O mistério pascal e sua atualização no sacramento da unção